

**A MORTE
DO ARTISTA**

Warley Matias de Souza

**A MORTE
DO ARTISTA**



Souza, Warley Matias de, 1974-

A morte do artista / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2014.

115 p. ; 15 cm.

ISBN 978-85-910742-5-9

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

A MORTE DO ARTISTA

Copyright © 2014 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

A Vítor Gabriel (Vitório), artista inquieto a quem sou grato pela troca de ideias, valores, experiências e afetos única, inesquecível e grande inspiradora desta obra.

Sumário

11	A morte
14	Sombrio
17	O sublime
19	Homofóbico
21	Perplexo
23	Prisão
25	Morrer
27	Etilicamente modificado
28	Memórias
30	Lúcifer
31	Vitoriedades
33	Olhar zumbi
34	Conflito e gerações
36	Fornicação literária
39	<i>In & out</i>
40	Esquecimento
41	Úteros
43	Antissocial
44	Mantra

45	Sem cio
47	Liberdade
48	Palco
49	Zumbilândia
51	Sala de espera
52	Yabba dabba doo!
55	Em nome do pai
57	Rastros
58	Caras & caretas
62	Solidão é...
64	Só por um dia
66	Alegoria
67	Prometeu
68	Gato e rato
69	Envelhecer
70	A vida é falta
71	Vulcano
72	Amor
73	Monólogo de um velho
75	Esse vão
76	Direito à xilocaína

77	Morte às tribos opressoras
79	A morte do artista
80	Mestre
81	Ácido
82	Werther
84	Cicatrizes
85	Lodo
87	A morte de tudo
89	Buraco no oco
90	Pedras de sal
91	Minha fé
93	Coisa em si
94	Melópole
95	Sem anestesia
96	Olhos famintos
98	Abstinência
99	Animalidade e sublimação
101	<i>Samsara</i>
103	Um dia de não
105	Cesta de Natal
107	Pena capital

108	<i>Aequilibrium</i>
109	Virtude
110	Punheteiro
111	Insetos
112	Ego absoluto
113	A falsa sanidade
114	Paus e pedras

A morte

A morte é uma realidade. Não é sonho nem pesadelo, é fato. Está presente a todo o momento, pois é tão forte quanto a vida. Já temi a morte. Já desejei a morte. Já desafiei a morte. Já desdenhei da morte. Faça o que fizer, ela continua lá, sempre soberana, acima do bem e do mal. Aqueles que a temem vivem a vida com parcimônia. Os que a desejam vão ao encontro dela com vontade e insanidade. Aqueles que não a temem vivem a vida com uma intensidade invejável, sem limites. Há aqueles supersticiosos que não gostam de falar da morte, como se pronunciar o seu temido nome fosse trazê-la para si; como se ela já não estivesse ali do seu lado, sem que você precise chamá-la. Muitos querem driblar a morte, buscando a esperança de uma vida eterna. Os filhos

são uma forma animalesca de fugir, ilusoriamente, da morte, a sensação, para muitos reconfortante, de que parte de você se perpetuará. A arte é uma forma transcendental de fugir da morte. Mas viver, acima de tudo, é morrer. Morremos a cada dia, morremos a cada momento. Respiramos para afastar a morte. Mas gozamos para senti-la, pois o gozo é um pequeno morrer. Do gozo ressuscitamos e para o sofrimento renascemos. A vida é dor, é sofrimento. A morte é cessação de vida. A morte é gozo. E enquanto o gozo não vem, aproveito a dor. Planos a curto prazo, pois o gozo pode sempre vir ao cruzar a próxima esquina. Esperança de poder realizar os planos feitos e só ser ceifado da dor quando não houver risco de deixar algo inacabado. Mas isso é mais uma ilusão. Não somos tão indispensáveis assim como pensamos. Outros farão uma obra

melhor do que a sua, pode ter certeza.

Sombrio

Caminho por um mundo sombrio onde Narcisos e seus espelhos interrogam a minha tristeza. Vejo lágrimas escorrendo pelas paredes e vazios por trás da alegria de sorrisos. Tenho encontros fugidios para aplacar o meu desejo. Preguiça de caminhar pela estrada de letrinhas safadas que se escondem de mim buscando o refúgio do vento que as leva para bem longe. Insisto em buscar os porquês apesar do silêncio. Começo a acreditar que os fatos que povoam a minha memória são apenas ilusões de uma mente que foge para não morrer. Quero morrer como um pássaro selvagem que para de cantar. Quero imergir no silêncio profundo da inexistência. O gozo já não pode mais nutrir a minha carne. Caminho entre nuvens negras e labirínticas, buscando sem espe-

ranças o sol, ao mesmo tempo em que o temo, como vampiro secular que busca a escuridão das tumbas, sedento de sangue contaminado de dor e ódio. Sinto cheiro de esperma fecundando o vazio e perdendo-se por entre dedos frios. Vejo mil olhos se encontrando e se afastando sem emoção. Não creio em Deus e nem no amor, mas imagino que uma explosão metafísica nos espera em alguma outra dimensão. Sinto cheiros de corpos de homens sem disfarces de cremes e perfumes. Volto ao início sem conseguir atingir o fim. Confundo-me no meio de tanta organização. Busco o som de palavras chulas nos ouvidos que nunca puderam ouvir o canto dos anjos. Sinto a realidade dura e fria do chão. Chafurdo na lama como um porco chafurda na merda. E quando sorrio, ilumino a vida de alguns infelizes que ainda não perderam a esperança. Busco a

morte na madrugada fria perturbada pelos latidos dos cães. Sinto frios na espinha misturados a lembranças. Amo a paz, mas prevaleço na guerra. Sou afetado por outros corpos, por sorrisos e pela rejeição. Lamento a ignorância da mesma forma que abomino o perdão. Quero ser cruel, mas sou crudelizado. Vejo corpos solitários iludidos por espelhos, dançando deprimentes numa pista lotada de corpos vazios e podres. Por um momento me sinto deus e no momento seguinte viro formiga inconsciente da imensidão. Quero morrer sem a dor dos desesperados. O caminho de pedras amarelas há muito tempo chegou ao fim.